

DJIBRIL DIOP MAMBÉTY
CAVALGAR O VENTO

cadernos da
cinemateca
dezembro 2023



Caderno editado por ocasião do Ciclo

DJIBRIL DIOP MAMBÉTY – CAVALGAR O VENTO
organizado pela Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema
em dezembro de 2023

Autoria do texto: Antonio Rodrigues
Grafismo: Nuno Rodrigues

Depósito Legal:
ISBN: 978-972-619-301-2
N.º exemplares: 500

Impresso na Papelmunde
em novembro de 2023

Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, I.P.
Rua Barata Salgueiro, 39 | 1269-059
Lisboa | www.cinemateca.pt



cinemateca
portuguesa
MUSEU DO CINEMA, I.P.



índice

Abertura	1
Antes do cinema	5
I / Cavalgar o Vento (1966-72)	11
CONTRAS' CITY	11
BADOU BOY	14
TOUKI-BOUKI	18
II / Intermédio: o regresso à câmara (1989)	25
PARLONS GRAND-MÈRE	25
III / Caminhar na terra (1992-99)	29
HYÈNES	29
LE FRANC	33
LA PETITE VENDEUSE DE SOLEIL	37
Filmografia	40
Calendário das sessões	42
Índice onomástico	43

Djibril Diop Mambéty (1945-98)

O que significa a vanguarda? A noção pode designar um homem que acorda antes do dia raiar para ver o sol, enquanto os outros continuam a dormir. Alguém que não está satisfeito e continua a procurar. É uma busca perpétua, uma sede que não pode ser estancada.

Djibril Diop Mambety, numa entrevista de 1995

Abertura

Djibril Diop Mambéty sempre foi considerado uma figura insólita no cinema africano, que o espectador não africano tem tendência a ver como um todo, independentemente da nacionalidade dos realizadores. Devido às realidades coloniais, o cinema africano feito por africanos só pôde dar os primeiros sinais de vida em meados dos anos 50, com os trabalhos de Paulin Vieyra e, no domínio da ficção, só surgiu em início dos anos 60, logo a seguir às independências das colónias francesas e britânicas, com os primeiros filmes de Ousmane Sembène. Senegalês como Mambéty e vinte e dois anos mais velho, Sembène é, no sentido literal e figurado, o patriarca do cinema da África Negra e, fora de África, o seu nome pairou durante muitos anos acima do dos outros realizadores do continente, em parte por ter sido o primeiro a se fazer conhecer.

O cinema de Djibril Diop Mambéty situa-se na polaridade oposta ao de um Ousmane Sembène. Estivador e sindicalista durante dez anos em Marselha, formado em cinema em Moscovo, Sembène, “*escritor-cineasta de confissão marxista mas operando num meio no qual poucas pessoas tinham acesso à palavra escrita, serviu-se do cinema para exortar os seus compatriotas a*

renovar a aposta nacionalista, livrando-se da alienação cultural, das querelas tribais, da corrupção e da reprodução de diversos tipos de exclusão herdadas da experiência colonial”, observou Sada Niang, que acrescenta: “Djibril Diop Mambéty tomou conhecimento do projeto de Sembène, avaliou aquilo que estava em jogo, mediu o seu alcance, mas recusou-se a aderir a ele. Numa África cujo discurso político estava obnubilado pela necessidade da modernização, o imperativo do desenvolvimento e a recuperação da pureza identitária, Mambéty preferiu retirar-se calmamente dessas prioridades para forjar uma linguagem cinematográfica construída sobre o quotidiano dos marginais e excluídos de toda a espécie”.¹

O próprio Djibril Diop Mambéty foi explícito no que refere a natureza dos seus personagens, que bem conhecia e que por esta razão vê como indivíduos, não como casos sociais ou exemplos de uma identidade cultural abstrata: *“Interesso-me pelas pessoas marginalizadas porque creio que contribuem mais para a evolução da sociedades do que os conformistas. As pessoas marginalizadas põem a comunidade em que vivem em contato com um mundo mais vasto”*.² Mambéty não partiu de um projeto cultural preestabelecido, não teve um programa a cumprir. Enveredou desde os seus começos por um cinema em que reina a liberdade de imaginação, sem nunca desprender-se do contexto em que é feito – a realidade senegalesa, numa aceção não estreita – recusando-se a demonstrar, mas não se esquecendo de mostrar muito claramente realidades culturais e raciais pós-coloniais, inseridas porém no âmbito da narração e não no seu centro. Djibril Diop Mambéty, que conhecia profundamente bem o Dakar popular onde nasceu e cresceu, recusava as ideologias, por considerá-las apartadas da vida, resumindo a sua posição com estas magníficas palavras: *“Não sou um ideólogo. Simplesmente, não posso gostar e recusar-me a gostar.”*³

O cineasta congolês Balufu Bakupa-Kanyinda observou que *“Mambéty é o produto de diversas culturas: erudita e popular, religiosa e pagã, teatral e literária, africana e ocidental, além dos westerns e filmes indianos da sua juventude”*. Outros cineastas africanos também o são, mas Mambéty tem

¹ Sada Niang: *Djibril Diop Mambéty – Un Cinéaste à Contre-courant*, L'Harmattan, 2002

² Entrevista de Mambéty a Francesca Colais, em *Il Cinema Africano della parola all'immagine*, Bulzoni, 1999

³ N. Frank Ukadike: “The Hyena’s Last Laugh – A Conversation with Djibril Diop Mambéty”, *Transition* 78, 1999.

consciência disso e não recalca esta diversidade e “*se as suas obras exprimem uma estética inebriante é para evocar o sonho de um mundo que ele queria que fosse socialmente belo. Esta visão onírica é para ele uma autêntica busca de pureza, que, como uma aliança, extasia e eletriza a comunhão desejada com o público. Ele era refratário às estratégias absurdas de produção que hibridizam muitos filmes supostamente «africanos». Pagou caro a sua orgulhosa aversão pelas «verdades etnológicas» dos caçadores de ouro repletos de preconceitos subvencionados*”.⁴ Pagou, de facto, muito caro, pois depois da rejeição de TOUKI-BOUKI pelo público senegalês, que foi para ele um choque violento, ficou quase vinte anos sem filmar. Ao voltar a fazê-lo, realizou filmes em co-produção com a Europa, o que até então recusara e há também uma nítida inflexão no seu cinema, um certo recuo em relação à criatividade festiva que o marcara. No percurso de Djibril Diop Mambéty há um antes e um depois, cuja nítida fronteira é marcada por TOUKI-BOUKI.

A obra de Djibril Diop Mambéty, que se estende por um período de trinta anos, de 1969 a 1998, é composta por duas longas-metragens e cinco curtas (partindo-se do princípio de que todo filme inferior a sessenta minutos é considerado uma curta-metragem). Apesar dos vinte anos que separam os dois filmes, a sua segunda longa-metragem, HYÈNES, foi concebida como uma continuação das aventuras das personagens de TOUKI-BOUKI e ele tinha previsto um terceiro filme, MALAIKA, com a mesma personagem masculina, numa narrativa situada no século XV, de modo a fazer uma trilogia. Também os seus dois últimos filmes foram previstos como parte de um tríptico, HISTOIRES DE PETITES GENS, que ficou inacabado devido à sua morte.

A obra tão livre de Djibril Diop Mambéty nada tem de frágil: ele não engana o espectador e por ter sido sempre um transgressor a sua “*principal qualidade foi sem dúvida a de não ser como ninguém, de nunca procurar agradar, de ser não conformista até ao fundo da alma. O seu estilo tem algo de paródico, no sentido etimológico de «cantar ao lado»: um reflexo do mundo, mas um reflexo deformado, paradoxal*”.⁵ Djibril Diop Mambéty, que disse certa vez a Bakupa-Kanyinda que tinha “*um encontro marcado com dez mil anos de cinema*”, resumiu a sua arte poética, numa oficina

⁴ Balufu Bakupa-Kanyinda : “Djibril Diop Mambéty: tribut cinématographique à Colobane”, em Catherine Ruelle: *Afriques 50 Singularités d'un Cinéma Pluriel*, Harmattan, Paris, 2005.

⁵ Olivier Barlet, prefácio a *Djibril Diop Mambéty – un Cinéaste à Contre-courant* (cf. nota 1)

com crianças sobre a realização de filmes, com as seguintes palavras: *“Fazer cinema é simples. É preciso fechar os olhos. Fecharam os olhos? Estão a ver uns pontos de luz? Apertem bem as pálpebras. As luzes tornam-se mais precisas. Já há personagens. A vida surge. A cabeça funciona, porém não mais do que o coração. Toda uma história cria-se segundo a direção do vento que escolhermos. Então abrimos os olhos. Temos uma história. Façam a mesma coisa. É muito simples: cada vez que quiserem ver a luz é preciso fechar os olhos.”*⁶

⁶ Entrevista incluída no DvD dos filmes LE FRANC e LA PETITE VENDEUSE DE SOLEIL.

Calendário das sessões do ciclo Djibril Diop Mambéty – Cavalgar o Vento Dezembro 2023

Terça-feira [5] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
Terça-feira [12] 15h30 | Sala Luís de Pina

TOUKI-BOUKI

“*A Viagem da Hiena*”
de Djibril Diop Mambéty
com Magaye Niang, Mareme Niang,
Ousseynou Diop, Aminata Fall
Senegal, 1972 – 85 min
legendado eletronicamente em português | M/12



Terça-feira [5] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
Quarta-feira [13] 19h30 | Sala Luís de Pina

CONTRA’S CITY

de Djibril Diop Mambéty
Senegal, 1969 – 22 min

BADOU BOY

de Djibril Diop Mambéty
com Lamine Ba, Christophe Colomb,
Aziz Diop Mambéty, Djibril Diop
Mambéty, Langouste
Senegal, 1970 – 56 min
duração total da sessão: 78 min
legendados eletronicamente em português | M/12

Quinta-feira [7] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
Segunda-feira [18] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

PARLONS GRAND-MÈRE

de Djibril Diop Mambéty
Burkina Faso, 1989 / 35 min

HYÈNES

de Djibril Diop Mambéty
com Ami Diakhate, Mansour Diouf,
Mamamadou Mahouredia Gueye
Senegal/Suíça, 1992 / 110 min
duração total da projeção: 144 min
legendados eletronicamente em português | M/12



Segunda-feira [11] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
Segunda-feira [18] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LE FRANC

de Djibril Diop Mambéty
com Madieye Massamba Dieye,
Aminata Fall, Demba Bâ
Senegal/Suíça, 1994 – 45 min

LA PETITE MARCHANDE DE SOLEIL

de Djibril Diop Mambéty
com Lissa Baléra, Taïrou M’Baye
Senegal/Suíça, 1999 / 45 min
duração total da projeção: 90 min
legendados eletronicamente em português | M/12